

ANÁLISE SEMIÓTICA DA NARRATIVA PARA A INFÂNCIA: A MENINA DO MAR E O MONSTRO DAS CORES

Semiotic Analysis of Narrative for Childhood: 'The Girl from the Sea' and 'The Color Monster'

SOARES, Maria Luísa de Castro¹; SANTOS, Clotilde Sampaio²; CORREIA, Daniela³; & TRAVESSA, Joana⁴

Resumo

O presente artigo propõe uma abordagem teórico-pedagógica da literatura para a infância, articulando a análise semiótica com a prática educativa. Na vertente científica, procede-se à análise semiótica e simbólica das obras *A Menina do Mar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, e *O monstro das cores*, de Anna Llenas, tendo por base os modelos de Greimas, Joseph Courtès e Cristina Macário Lopes. Na vertente pedagógica, é apresentada uma intervenção realizada num Jardim de Infância, onde a leitura da narrativa *O monstro das cores* foi seguida de uma atividade expressiva guiada. Pretende-se ainda afirmar a literatura como eixo estruturante do desenvolvimento linguístico, cognitivo e estético das crianças, fundamental para a formação do leitor e para o desenvolvimento do pensamento crítico desde os primeiros anos de escolaridade.

Abstract

This article proposes a theoretical and pedagogical approach to literature for children, combining semiotic analysis with educational practice. On the scientific level, it presents a semiotic and symbolic analysis of *A Menina do Mar* by Sophia de Mello Breyner Andresen and *O monstro das cores* by Anna Llenas, based on the models of Greimas, Joseph Courtès, and Cristina Macário Lopes. On the pedagogical level, it describes an intervention carried out in a Kindergarten, where the reading of *O monstro das cores* was followed by a guided activity. The article also aims to affirm literature as a structuring axis for children's linguistic, cognitive, and aesthetic development, essential for shaping readers and fostering critical thinking from the early years of schooling.

Palavras-chave: *Literatura para a infância; Semiótica; Análise temático-simbólica; Literacia emocional.*

Key-words: *Literature for children; Semiotic; Thematic and symbolic analysis; Emotional literacy.*

Data de submissão: julho 2025 | **Data de publicação:** dezembro 2025.

¹ MARIA LUÍSA DE CASTRO SOARES – UTAD | Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Portugal. Email: lsoares@utad.pt

² CLOTILDE SAMPAIO DOS SANTOS – UTAD. Portugal. Email: clotildes@utad.pt

³ DANIELA DA SILVA CORREIA – UTAD. Portugal. Email: daniela.correia1706@gmail.com

⁴ JOANA MARIA FERREIRA TRAVESSA – UTAD. Portugal. Email: joanafravessa@gmail.com

INTRODUÇÃO

A literatura para a infância compreende um conjunto de modalidades genológicas — como contos, poemas, fábulas e outras narrativas — destinadas às crianças e cuja especificidade reside na intencionalidade comunicativa e na adequação dos conteúdos à faixa etária visada. Privilegiando a imaginação e a linguagem simbólica como meios de construção de sentido e de descoberta do mundo, este género da literatura constitui-se como um espaço de encontro entre o leitor e o texto, onde se desenvolvem o pensamento crítico e a capacidade de interpretar a realidade sob diversas perspetivas. A sua dimensão lúdica é igualmente fundamental, pois é através do jogo com as palavras, das metáforas e das imagens simbólicas que a criança começa a compreender o conceito de linguagem e a explorar o universo da significação.

Gabriela Fragoso defende o uso da expressão “literatura para a infância” em vez de “literatura infantil”, destacando o carácter intencional e pedagógico das obras voltadas para o público infantil. A escolha desta terminologia reconhece a criança como sujeito em desenvolvimento, e a literatura como ferramenta de mediação cultural, emocional e cognitiva. Assim, o termo “literatura infantil” mostra-se menos adequado, pois tende a simplificar ou generalizar um campo que exige sensibilidade, intencionalidade e compromisso com o desenvolvimento infantil (Fragoso, 2013).

No que diz respeito à aquisição de competências, a literatura constitui um eixo estruturante do desenvolvimento linguístico, cognitivo e estético das crianças, assumindo-se como um instrumento essencial na formação do leitor e do pensamento crítico desde os primeiros anos de escolaridade. As diretivas do Ministério da Educação, definidas nas *Metas Curriculares de Português* (Ministério da Educação e Ciência [MEC], 2012), orientam o ensino da literatura para a promoção da competência literária através da leitura, interpretação e apreciação de textos representativos de diferentes géneros e tradições culturais.

Segundo estas orientações, o trabalho literário no 1.º Ciclo deve privilegiar a leitura silenciosa e em voz alta, individual e coletiva, estimulando a escuta ativa, a expressividade oral e a interpretação de emoções, intenções e ritmos presentes nos textos. A leitura é entendida não apenas como um exercício de decifração linguística, mas como uma atividade estética e simbólica, que contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação e da empatia.

Ao reconhecer o valor formativo da literatura, o Ministério da Educação estabelece, no domínio da Educação Literária, uma lista nacional de obras de referência para o Ensino Básico — com um número mínimo de títulos a ler por ciclo (oito para o 2.º Ciclo) — assegurando um currículo comum e equitativo a todos os alunos (MEC, 2012).

No caso do 1.º Ciclo, a abordagem metodológica preconizada valoriza a leitura orientada de textos narrativos, poéticos e dramáticos adequados à faixa etária, bem como a participação em atividades de discussão e reflexão sobre temas éticos e emocionais suscitados pelas obras. Estas práticas visam o desenvolvimento da formação ética e cultural da criança, em consonância com os princípios definidos pelo Ministério da Educação para a literacia literária inicial.

Neste contexto, a análise semiótica da literatura para a infância surge como um instrumento particularmente relevante para a compreensão dos mecanismos de significação presentes nos textos literários, articulando-se com os objetivos das *Metas Curriculares de Português* ao explorar a forma como os signos, símbolos e estruturas narrativas contribuem para a construção do sentido e para o desenvolvimento da competência estética do jovem leitor.

Em conformidade com os objetivos descritos, o presente artigo desenvolve-se em duas vertentes complementares: uma dimensão científica e uma dimensão pedagógica. Na parte científica, procede-se a uma análise semiótica e simbólica de duas obras representativas da literatura para a infância — o conto *A Menina do Mar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, e a narrativa para a infância *O monstro das cores*, de Anna Llenas. A análise destas obras assenta no esquema narrativo de Greimas, cuja estrutura actancial e percurso de transformação permitem identificar as relações entre as personagens, as funções narrativas e os valores simbólicos que sustentam o discurso literário. Greimas propõe, com este modelo, a decomposição do enredo em etapas e papéis narrativos (*sujeito, objeto, destinador, destinatário, adjuvante e oponente*), oferecendo uma ferramenta interpretativa essencial para a análise semiótica, pois evidencia os processos de produção de sentido e as dinâmicas de desejo, conflito e resolução que estruturam o texto (Ceia, 2010).

Complementarmente, recorremos aos modelos de análise da dinâmica narrativa propostos por Joseph Courtès (1979) e Larivaille seguido por Cristina Macário Lopes (2008), que permitem aprofundar a leitura das relações simbólicas e temáticas, bem como a dimensão discursiva e figurativa da narrativa literária.

Na parte pedagógica, o estudo adquire uma dimensão aplicada: realizámos uma intervenção num jardim de infância, onde foi lida a narrativa *O monstro das cores* a um grupo de crianças. Posteriormente, foram recolhidos desenhos realizados pelos alunos, com o objetivo de proceder a uma análise da retenção e interpretação da narrativa pelas crianças, verificando de que modo estas reconstróem e ressignificam os conteúdos simbólicos e emocionais presentes na obra. Esta vertente empírica visa articular a interpretação semiótica com a prática educativa, contribuindo para compreender como a literatura para a infância favorece o desenvolvimento da leitura estética e da compreensão simbólica.

Em suma, procurámos articular o quadro teórico da semiótica literária com as diretivas curriculares do Ministério da Educação, explorando de que forma a análise dos signos e símbolos literários pode constituir uma via privilegiada para o desenvolvimento da literacia literária e do pensamento crítico no contexto infantil.

O CONTO A MENINA DO MAR, DE SOPHIA MELLO BREYNER

Resumo do Conto

A Menina do Mar é o primeiro conto da autora destinado a crianças, tendo sido publicado, pela primeira vez, em 1958. A obra integra o Plano Nacional de Leitura e é recomendada para o 4.º ano de escolaridade.

Tendo como cenário a praia, o conto revela-nos uma história de amizade entre um rapaz e a Menina do Mar. Cada um habita um universo distinto, o rapaz vive em terra firme e a menina no mar. Estes dois mundos representam dimensões distintas, mas complementares, da experiência humana: o real e o imaginário, o racional e o instintivo, o consciente e o inconsciente.

Certo dia, o rapaz descobre a existência da menina, acompanhada por criaturas marinhas como o polvo, o caranguejo e o peixe, e fica fascinado pela sua alegria e liberdade (Andresen, 2012, p. 11). A menina, por sua vez, anseia por saber mais acerca do mundo terrestre, embora receie abandonar o mar, pois não pode sobreviver fora dele. A curiosidade mútua leva-os a querer partilhar as suas diferenças. No entanto, quando o rapaz tenta trazê-la à superfície, ela não resiste, tornando a separação inevitável.

O conto termina com um sentimento de beleza nostálgica expresso no reencontro dos dois amigos, após o rapaz ter recebido um presente da Menina do Mar, uma poção mágica que lhe permitia viver debaixo de água. Essa poção foi concebida pelo Rei do Mar (que via a tristeza da menina por estar separada do amigo) e levada por uma gaivota até ao rapaz, depois transportado por um golfinho até junto da menina.

O conto simboliza a busca da harmonia entre o humano e o natural, e a menina descobre o significado do amor, da saudade e da alegria. O rapaz, por sua vez, aceita viver com ela no fundo do mar, num gesto de entrega e comunhão (Andresen, 2012, p. 34).

A autora: Sophia de Mello Breyner Andresen

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) é considerada uma das maiores poetisas portuguesas do século XX, tendo publicado catorze livros de poesia entre 1944 e 1997. A sua obra destaca-se pela valorização da Natureza, da justiça, da liberdade e da beleza como expressão da verdade.

Para além da poesia, dedicou-se à prosa, incluindo a literatura para a infância, onde se evidenciam contos como *A Menina do Mar*, *O Cavaleiro da Dinamarca* e *A Fada Oriana*. Nestas obras, abordou temas como a amizade, a descoberta do outro, o crescimento emocional, a saudade e a relação entre o humano e o natural. A fantasia e o simbolismo são traços marcantes da sua narrativa para a infância, que alia simplicidade à profundidade poética.

A Menina do Mar, obra publicada em 1958, foi o seu primeiro conto para crianças e permanece uma referência na literatura para a infância. Com esta obra, a autora explora a diferença, o desejo de conhecer o outro e a beleza da separação como forma de descoberta emocional.

Sophia foi a primeira mulher a receber o Prémio Camões, em 1999, e distinguiu-se ainda com o Prémio Max Jacob (2001) e o Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana (2003). Faleceu em Lisboa, a 2 de julho de 2004, aos 84 anos.

Definição de conto

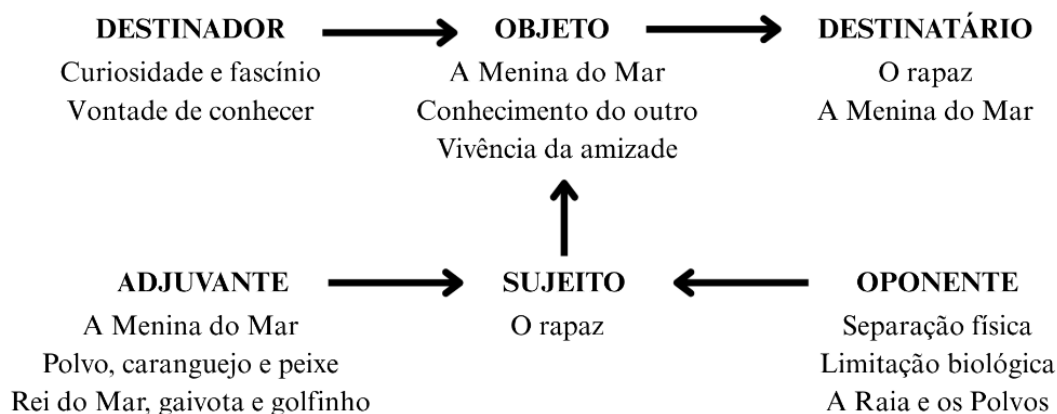
O conto configura-se numa narrativa breve, centrada numa ação simples e com um número limitado de personagens, espaço e tempo reduzidos (Soares 2013, p. 8-9). A sua força reside na concisão e na intensidade simbólica, já que cada elemento narrativo contribui significativamente para o sentido global. Segundo Todorov (1970), o conto

constrói um universo fechado e coerente, geralmente organizado em torno de um acontecimento transformador. A maior parte dos contos transporta o leitor para fora da realidade através da criação de um universo próprio no qual se desenrola a narrativa, apresentando simultaneamente um caráter lúdico e moralizante.

A Menina do Mar, de Sophia de Mello Breyner Andresen, insere-se nesta vertente do conto poético e simbólico. A estrutura narrativa é simples, mas carregada de significação, e o enredo centra-se na relação entre um rapaz e uma menina que vive no mar, revelando temas como a amizade, a diferença, a saudade e o amor. A presença de criaturas marinhas falantes e de uma menina que habita o fundo do mar introduz elementos do fantástico, enquanto o modo como esses elementos são naturalizados na narrativa aproxima o conto do maravilhoso poético. Esta fusão entre o real e o imaginário permite à autora explorar, com delicadeza e profundidade, dimensões emocionais e existenciais que tornam a obra adequada tanto à leitura infantil como à análise literária e semiótica.

Análise Semiótica

Esquema Actancial de Greimas



Para uma análise da estrutura narrativa do conto *A Menina do Mar* à luz do modelo actancial de Greimas (1966; Soares, 2013, p.20), propomos o seguinte:

Figura 1 – Esquema actancial do conto *A Menina do Mar*

No conto, o *sujeito* (herói) é o rapaz, movido pelo desejo de conhecer o mar e de estabelecer uma relação com a Menina do Mar. O *objeto* (objetivo) da sua busca é, portanto, a própria menina, mas também, de forma mais abstrata, o conhecimento do outro e a vivência da amizade. O *destinador* pode ser identificado com o rapaz e a curiosidade e o fascínio que o mar exerce sobre ele ~~o rapaz~~, funcionando como força motivadora da ação. O *destinatário* é o próprio sujeito, que se transforma ao longo da narrativa, adquirindo uma nova percepção sobre o mundo e sobre si mesmo; simultaneamente, o leitor é também destinatário, na medida em que é convidado a refletir sobre os valores simbólicos da história. Podemos ainda considerar a Menina do Mar como *destinatária* simbólica, uma vez que também ela é recetora do valor do objeto narrativo — neste caso, o conhecimento do outro e de si mesma, passando de uma existência limitada ao mar para uma consciência emocional mais ampla, que revela crescimento pessoal. Os *adjuvantes* são representados pela Menina do Mar, pelas criaturas marinhas (o Polvo, o Caranguejo e o Peixe) que introduzem o rapaz no universo marítimo e facilitam a sua jornada de descoberta, pelo Golfinho, pela Gaivota e pelo Rei do Mar que permitem a reunião dos amigos através da poção mágica. Por outro lado, os *oponentes* manifestam-se na separação física entre os dois mundos — a terra e o mar — na limitação biológica da menina, que não pode sobreviver fora do seu habitat natural (Andresen, 2012, p.16) e na Raia (personagem que comanda o Mar) que, ao saber que a Menina do Mar deseja ir à terra com o rapaz, envia os Polvos para a impedir (Andresen, 2012, pp. 27, 28). Estes obstáculos impedem a concretização plena do desejo do *sujeito*, conduzindo a um desfecho melancólico, mas simbolicamente rico.

Deste modo, a estrutura narrativa coerente com o modelo actancial de Greimas evidencia um percurso de transformação simbólica que articula desejo, conflito e descoberta.

Plano da dinâmica da narrativa (ação)

Dinâmica da Narrativa para Courtès

Joseph Courtès (1979) divide a dinâmica da narrativa em três fases, sendo elas, a *prova qualificadora*, a *prova decisiva* e a *prova glorificadora* (Soares, 2013, p. 13). Seguindo a estruturação interna defendida por Courtès e aplicável aos contos, divide-se o conto em três momentos essenciais:

- Prova qualificadora: O rapaz conhece a Menina do Mar e nasce uma amizade entre dois mundos: o terrestre e o marítimo. A sua curiosidade, sensibilidade e vontade de explorar o desconhecido revelam coragem e empatia, tornando-o apto para viver esta aventura.
- Prova decisiva: O conflito surge da impossibilidade de união entre os dois mundos. Apesar do desejo de estarem juntos, o rapaz e a menina enfrentam os limites da natureza que põe à prova a força do seu desejo e a sua capacidade de aceitar a diferença. Ele sonha com formas de ultrapassar essa barreira, mas confronta-se com o impossível — a separação entre sonho e realidade. Mesmo separados, ambos preservam a memória da amizade, que se torna uma vitória simbólica. No final, a menina envia-lhe uma poção mágica que permite ao rapaz viver com ela no fundo do mar.
- Prova glorificadora: A poção mágica torna possível o impossível, concretizando-se a união, e ambos crescem emocionalmente ao aprender o valor da amizade e da saudade.

Dinâmica da narrativa para Larivaille e Cristina Macário Lopes

Cristina Macário Lopes (2008), no alinhamento de Larivaille, divide a dinâmica da narrativa em cinco partes, sendo elas, o *estado inicial*, a *perturbação*, a *transformação*, a *resolução* e o *estado final* (Soares, 2013, p. 14), permitindo estruturar internamente o conto *A Menina do Mar* da seguinte forma:

- *Estado inicial*: O rapaz vive sozinho numa casa junto ao mar. Observa o oceano com curiosidade e fascínio, revelando uma vontade de conhecer o desconhecido. Este momento marca a tranquilidade inicial e a predisposição para a aventura.
- *Perturbação*: O encontro com a Menina do Mar altera o equilíbrio inicial. A descoberta de um ser de outra realidade desperta emoções novas e uma ligação inesperada. A diferença entre os mundos terrestre e marítimo começa a evidenciar-se, gerando tensão e desejo de aproximação.
- *Transformação*: A amizade entre o rapaz e a Menina do Mar aprofunda-se. Ele aprende sobre o mundo marinho, conhece novas criaturas e começa a sonhar com a possibilidade de viver com ela. Há uma mudança interna: o rapaz transforma-se emocionalmente, amadurece e confronta os limites da realidade que

impossibilitam a união entre os dois mundos. Apesar do desejo dos amigos de permanecerem juntos, a separação física e biológica impõe-se.

- *Resolução*: O rapaz tenta encontrar soluções, mas acaba por aceitar a distância como inevitável. Mesmo separados, a amizade permanece viva. A Menina do Mar envia-lhe uma poção mágica que permite ao rapaz viver com ela no fundo do mar.
- *Estado final*: O rapaz viaja pelas profundezas do mar indo ao encontro da Menina do Mar. Dá-se a união dos amigos, encerrando-se a narrativa com a concretização do desejo do sujeito (viver com a menina e conhecer o mar) e com o crescimento emocional e valorização da amizade.

Correspondência entre os modelos de Courtès e de C. M. Lopes

A divisão da narrativa para C. M. Lopes corresponde genericamente aos três momentos de Courtès, seguindo a seguinte lógica: o estado inicial e a perturbação têm equivalência de conteúdos à prova qualificadora; a transformação e a resolução correspondem à prova decisiva e o estado final equivale à prova glorificadora.

Tabela 1 – Estruturação da narrativa segundo os dois modelos.

J. Courtès	<i>A Menina do Mar</i>	C. M. Lopes
Prova Qualificadora	O rapaz tem curiosidade e fascínio pelo mar. Revela predisposição para a aventura e descoberta.	Estado Inicial
	O rapaz conhece a Menina do Mar e nasce uma amizade entre dois mundos: o terrestre e o marítimo. As suas diferenças suscitam tensão e desejo de aproximação.	Perturbação
Prova Decisiva	A amizade entre o rapaz e a Menina do Mar aprofunda-se. Apesar do seu desejo de permanecerem juntos, a separação física e biológica impõe-se.	Transformação
	Separados, aprendem o significado da amizade e da saudade. A Menina do Mar envia-lhe uma poção mágica que permite ao rapaz viver com ela no fundo do mar.	Resolução
Prova Glorificadora	O rapaz vai ao encontro da Menina do Mar, auxiliado pela gaivota e pelo golfinho. Concretiza-se a união dos amigos, com crescimento emocional de ambos e valorização da amizade.	Estado Final

A análise comparativa entre os dois modelos revela uma complementaridade significativa na estruturação da narrativa de *A Menina do Mar*. Enquanto Courtès propõe uma divisão tripartida centrada nas provas que o sujeito enfrenta, C. M. Lopes oferece uma abordagem mais detalhada, que permite uma leitura minuciosa da evolução emocional e simbólica das personagens. Esta correspondência entre os modelos evidencia como diferentes perspectivas teóricas podem convergir na interpretação de uma mesma obra, enriquecendo a compreensão dos seus elementos estruturais e temáticos.

Análise detalhada dos conteúdos da ação (C. M. Lopes)

O modelo de análise narrativa que se segue assenta numa abordagem estrutural e funcional do texto literário, articulando diferentes níveis de leitura que permitem compreender a organização interna da narrativa e o seu sentido global. Parte-se da *estrutura lógica da narrativa*, identificando os estados de equilíbrio e desequilíbrio que orientam a ação e a evolução das personagens, bem como as relações de inversão entre falta inicial e resolução final. Analisa-se, de seguida, a *relação entre a história e o discurso*, atendendo às opções temporais, à organização cronológica, às marcas de anisocronia e isocronia e ao modo como os acontecimentos são narrados. O *quadro enunciativo* permite caracterizar a voz narrativa e a posição do narrador relativamente à história contada. Por fim, o *plano figurativo* e o *esquema canónico* possibilitam a identificação das personagens, das suas funções narrativas e do percurso do herói, evidenciando a progressão temática e simbólica da obra até ao restabelecimento do equilíbrio final. Tendo em conta estes pressupostos teóricos e metodológicos, segue-se a análise adequada ao texto *A Menina do Mar*:

Estrutura lógica da narrativa: Há uma relação de inversão entre o *estado inicial de falta* (o fascínio pelo mar suscita no rapaz a necessidade de descoberta e o desejo de conhecer) e o *estado final de equilíbrio* (união entre o rapaz e a Menina do Mar e crescimento de ambos com a aprendizagem do valor da amizade e da saudade).

Relação entre a história narrada e o discurso: A história (os acontecimentos) refere-se à vida do rapaz, desde que este conhece a Menina do Mar, passando pelo aprofundamento da sua amizade, até chegar à concretização da sua união. Assim sendo, o discurso é apenas um resumo da história e existe anisocronia (o tempo que leva a

história a ser contada é diferente do tempo em que a história realmente ocorre). No entanto, existem marcas de isocronia nos diálogos, uma vez que o tempo da narração é igual ao tempo real da história. O discurso segue a linearidade cronológica, embora o tempo seja indeterminado: começa com “Era uma vez...”.

Quadro enunciativo (voz do narrador): o narrador é onisciente, tudo conhece sobre as personagens e a ação. É ainda heterodiegético, narrando a história na 3ª pessoa.

Plano figurativo: O rapaz e a Menina do Mar são as personagens principais, pois a ação e o tema central — a amizade e a fronteira entre dois mundos — giram em torno deles. O rapaz é, contudo, uma personagem mais trabalhada, quase redonda: curioso, afetuoso, compreensivo e sonhador, evolui ao longo da história, aprendendo sobre o mar, respeitando o medo da menina e revelando sensibilidade e crescimento emocional. A Menina do Mar demonstra também emoções, curiosidade e medo do desconhecido, evoluindo de uma criatura limitada ao mar para alguém que sonha com liberdade e amizade além das fronteiras. Ambos vivem um conflito interior — a separação e o limite entre os seus mundos. As personagens secundárias são: o Peixe, o Caranguejo, o Polvo, a Gaivota, o Golfinho, a Raia, os Polvos e o Rei do Mar. O Peixe, o Caranguejo e o Polvo ajudam a caracterizar o mundo marinho e o contraste com a terra. A Gaivota, o Golfinho e o Rei do Mar possibilitam o encontro dos amigos, enquanto a Raia e os Polvos o tentam impedir, atuando como oponentes. Todas estas personagens são planas, sem densidade psicológica. A caracterização direta é feita pelo narrador ou por outras personagens, e a indireta, pelas ações, gestos, pensamentos e diálogos.

Esquema canónico: O conto segue o esquema canónico, dado que o herói alcança o seu objetivo e a narrativa termina com a prova glorificadora, atingindo-se o estado final de equilíbrio (Andresen, 2012, pp 32-35).

Análise temático-simbólica

Na obra em análise constrói-se um universo simbólico dual, onde o mar representa liberdade, inconsciente e pureza primordial, enquanto a terra simboliza racionalidade, limite e condição humana. A praia funciona como espaço liminar entre estes dois mundos — o real e o imaginário, o racional e o emocional.

As personagens principais reforçam esta polaridade simbólica. O rapaz encarna a curiosidade, o desejo de descoberta e o crescimento emocional, representando o sujeito em busca de sentido e conexão. A Menina do Mar, por outro lado, é uma figura encantatória que simboliza o mistério, a diferença e a alteridade, desafiando os limites do mundo terrestre e evocando a infância eterna e a imaginação.

Os animais marinhos — o Peixe, o Caranguejo e o Polvo — desempenham funções adjuvantes figurativas, enriquecendo o universo simbólico do mar. Cada um representa um tipo fixo: o Peixe, o medo; o Caranguejo, a prudência; e o Polvo, a sabedoria. Estes arquétipos contribuem para a construção de uma comunidade simbólica que valoriza a diversidade e a complementaridade.

A casa do rapaz, por sua vez, é símbolo de segurança e de rotina, contrastando com o mistério do universo marinho. Outros objetos com valor simbólico também desempenham um papel relevante na narrativa. A rosa encarnada oferecida pelo rapaz à Menina do Mar é exemplo disso e representa a beleza, a saudade e a tentativa de aproximação entre mundos distintos. A poção mágica enviada pela menina no desfecho da história evidencia a superação dos limites físicos e a concretização simbólica da união entre o terrestre e o marinho.

Realçamos também as imagens sensoriais e cromáticas representadas graficamente no conto como intensificadores do diálogo entre palavra e imaginação visual, elemento essencial à análise semiótica. Por fim, os temas figurativos centrais — amizade, saudade, diferença e crescimento — manifestam-se através de imagens poéticas e situações concretas, tornando o plano figurativo indispensável para a compreensão da mensagem profunda do conto.

A NARRATIVA PARA A INFÂNCIA *O MONSTRO DAS CORES*, DE ANNA LLENAS

Como alvo de análise semiótica e de aplicação da componente pedagógica, selecionámos a narrativa para a infância *O monstro das cores*, de Anna Llenas, que aborda o universo emocional e o processo de autodescoberta através de uma metáfora visual e cromática. A obra centra-se na personagem do monstro, que acorda confuso e emocionalmente desorganizado, experienciando simultaneamente várias emoções — alegria, tristeza, raiva, medo e calma. O álbum narrativo acrescenta à narrativa uma outra personagem: uma figura feminina, a menina, que intervém como mediadora emocional e

ajuda o monstro a identificar e organizar cada emoção, atribuindo-lhe uma cor simbólica: amarelo – alegria; azul – tristeza; vermelho – raiva; preto – medo; verde – calma.

A narrativa progride à medida que o monstro aprende a reconhecer, nomear e compreender as suas emoções, num percurso que alia o desenvolvimento afetivo à construção simbólica. No desfecho, emerge uma nova emoção — o amor — representada pela cor rosa, sugerindo um processo de amadurecimento emocional e de integração afetiva. Esta progressão narrativa revela uma estrutura clara e sequencial, que favorece a interpretação subjetiva das cores como signos emocionais. Apresenta-se a narrativa completa:

Este é o monstro das cores. Hoje acordou esquisito, confuso, perturbado... Não sabe muito bem o que sente. Já armaste confusão outra vez? Não aprendes... Já viste a confusão em que estão as emoções? Assim, todas baralhadas, não funcionam. Tens de as separar e colocar cada uma no seu frasco. Se quiseres, ajudo-te a organizá-las. A alegria é contagiosa. Brilha como o Sol, cintila como as estrelas. Quando estás alegre, ris, saltas, danças, brincas... e tens vontade de partilhar a tua alegria com o mundo. A tristeza tem sempre saudades de alguma coisa. É suave como o mar, doce como os dias de chuva. Quando estás triste, escondes-te e queres estar sozinho...e não te apetece fazer nada. A Raiva é ardente como vermelho-vivo e feroz como o fogo. Que queima com força e é difícil de apagar. Quando estás zangado, sentes que foste vítima de uma injustiça e queres descarregar a raiva nos outros. O medo é cobarde. Esconde-se e foge como um ladrão na escuridão. Quando tens medo, tornas-te pequeno e insignificante...e parece impossível fazer o que te pedem. A calma é tranquila como as árvores, leve como uma folha ao vento. Quando estás calmo, respiras devagar e profundamente. Sentes-te em paz. Estas são as tuas emoções. Cada uma tem uma cor diferente...e funcionam melhor quando estão organizadas. Amarelo-alegria; azul-tristeza; vermelho-raiva; preto-medo; verde-calma. Mas...e agora? Sabes dizer o que estás a sentir? (Llenas, 2017).

A autora: Anna Llenas

Anna Llenas nasceu em Barcelona, a 20 de dezembro de 1977 e é uma autora contemporânea e ilustradora de livros que têm como principal finalidade ajudar não só as crianças, mas também os adultos, a descobrirem e compreenderem as suas emoções. Profissionalmente, atua como professora e arte-terapeuta especializada em arte e educação emocional. Foi em 2012 que a autora publicou *O monstro das cores*, obra traduzida para 16 idiomas.

Definição de narrativa para a infância

A narrativa para a infância integra-se num tipo de literatura concebida para crianças e transcende as funções meramente pedagógicas ou moralizantes. Trata-se de uma forma narrativa geralmente concebida por adultos, mas orientada para os interesses, capacidades e universo experiencial infantil, assumindo uma função simultaneamente lúdica e formativa. O seu propósito é estimular a imaginação, promover o desenvolvimento emocional e cognitivo, e facilitar a compreensão do mundo através de estruturas simbólicas e estéticas acessíveis.

Segundo Nikolajeva (2002), a narrativa para a infância caracteriza-se por um discurso estético e simbólico que articula texto e imagem, permitindo à criança compreender-se a si mesma e o que a rodeia por meio de construções narrativas simples, mas densas em significação. Estas narrativas partem da ficção como veículo para a construção de sentido, recorrendo frequentemente à metáfora, à fantasia e à visualidade como estratégias de mediação.

A obra *O monstro das cores* exemplifica este tipo de narrativa. Apresenta um enredo simbólico centrado na personagem do monstro, que aprende a identificar e organizar as suas emoções através da associação cromática. A linguagem verbal é acessível e metafórica, fortemente apoiada por ilustrações expressivas que potenciam a leitura visual e emocional — o álbum narrativo. Embora se aproxime mais da narrativa visual e pedagógica do que do conto literário canónico, a obra possui uma estrutura narrativa clara — com início, desenvolvimento e resolução — que a legitima como narrativa para a infância.

Assim, *O monstro das cores* cumpre um duplo papel: didático-afetivo, ao promover a identificação e compreensão das emoções; e estético-simbólico, ao convidar à leitura visual e à interpretação subjetiva das cores como representações emocionais.

Análise Semiótica

Esquema Actancial de Greimas

Para uma análise da estrutura da narrativa de *O monstro das cores*, seguiremos o modelo actancial proposto por Greimas (1966; Soares, 2013, p.20). O *sujeito* da narrativa é o monstro das cores, figura central que empreende a ação narrativa. O *objeto* visado é a organização e compreensão das emoções que, no início da história, se apresentam

confusas e misturadas. Trata-se de um objetivo simbólico que representa o equilíbrio emocional e a aquisição de literacia afetiva, elementos centrais na construção da identidade emocional infantil. O *destinador* é a confusão emocional que inaugura a narrativa. Esta instância actancial funciona como força propulsora da ação, ao gerar a necessidade de mudança e estimular uma jornada de autoconhecimento. Por sua vez, o *destinatário* é o próprio monstro, que beneficia de uma transformação resultante da aquisição de uma nova consciência emocional. A menina desempenha o papel de *adjuvante*, auxiliando o monstro na identificação e categorização das emoções. A sua intervenção pedagógica é mediadora, oferecendo ferramentas simbólicas (cores, frascos, linguagem emocional) que facilitam a progressão narrativa. A confusão emocional e a falta de consciência sobre as emoções constituem os *oponentes*, dificultando o percurso do sujeito e exigindo esforço cognitivo e afetivo. A oposição não é externa, mas interna, o que reforça o caráter introspetivo da narrativa. Propomos o seguinte esquema actancial adaptado à obra.

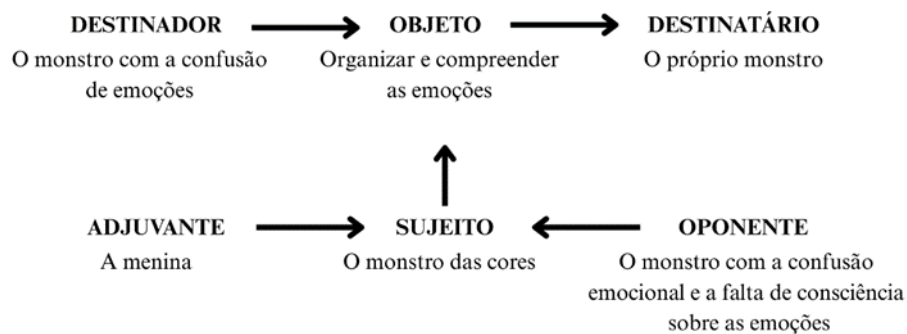


Figura 2 – Esquema actancial da narrativa para a infância *O monstro das cores*

Plano da dinâmica da narrativa (ação)

Após uma análise comparativa entre os modelos da dinâmica da narrativa, propostos por Courtès (1979) e por Cristina Macário Lopes (2008), que revelou como diferentes perspectivas teóricas podem convergir na interpretação de uma mesma obra, optámos por recorrer ao segundo modelo para uma estruturação interna de *O monstro das cores*, dividida em cinco partes:

- *Estado inicial*: O monstro está confuso, com as emoções misturadas.
- *Perturbação*: A confusão emocional causa desconforto e impede o monstro de funcionar bem.

- *Transformação*: A menina ajuda o monstro a identificar e nomear cada emoção (alegria, tristeza, raiva, medo, calma).
- *Resolução*: As emoções são separadas e colocadas em frascos. A cada emoção é atribuída uma cor que a identifica.
- *Estado final*: O monstro sente-se melhor depois de ter organizado as emoções, mais equilibrado e capaz de lidar com o que sente.

Este modelo revela como *O monstro das cores* desempenha a função de iniciação emocional, onde a personagem principal percorre um caminho de autoconhecimento. A estrutura proposta permite ainda evidenciar: a função formativa da narrativa, ao promover a literacia emocional; a centralidade da transformação interna, com intenção educativa; a importância da mediação pedagógica (representada pela menina), que facilita a passagem do caos à ordem.

Análise detalhada dos conteúdos da ação (C. M. Lopes)

Estrutura lógica da narrativa: Há uma relação de inversão entre o *estado inicial* de *falta* (o monstro tem as emoções desorganizadas e essa confusão provoca-lhe desconforto) e o *estado final* de *equilíbrio* (o monstro aprende a identificar as suas emoções e, todas organizadas, definem um estado de tranquilidade).

Relação entre a história narrada e o discurso: O discurso é marcado maioritariamente por isocronia, dado que a maior parte do discurso corresponde ao monólogo da menina enquanto explica ao monstro as diferentes emoções e que torna igual o tempo do discurso e o da história. A narrativa começa com a apresentação do monstro por parte do narrador, que utiliza a expressão “Hoje”, para se referir ao tempo presente, que permanece indeterminado, pois é um presente intemporal.

Quadro enunciativo (voz do narrador): O narrador apenas exerce função no início da narrativa para apresentação do monstro e do seu estado emocional inicial, recorrendo à narração em 3ª pessoa (narrador heterodiegético). É onisciente, no sentido em que sabe qual é o estado interno/emocional do monstro.

Plano figurativo: Como a narrativa gira em torno da sua jornada de autoconhecimento emocional, o monstro das cores é a personagem principal. Apresenta traços de uma personagem redonda, apesar da simplicidade formal: evolui ao longo da narrativa; passa de um estado de confusão (Llenas, 2017, p. 4), para um estado de equilíbrio emocional (Llenas, 2017, pp. 34-36); revela uma transformação interna. Por

desempenhar um papel auxiliar, mas essencial, a menina é a personagem secundária. Atua como mediadora pedagógica, guiando o monstro na identificação das emoções. É uma personagem plana, na medida em que não sofre qualquer transformação. Representa uma figura estável, com função orientadora. No que diz respeito à densidade psicológica, o monstro possui uma densidade psicológica simbólica e encarna estados emocionais complexos que representam metaforicamente a experiência emocional infantil. A menina funciona mais como instrumento narrativo do que como sujeito psicológico. A sua função é facilitar a aprendizagem emocional. A caracterização direta manifesta-se na apresentação inicial do monstro pelo narrador, que o descreve como confuso e desorganizado, bem como nas descrições associadas às cores, que facilitam a sua identificação. Paralelamente, observa-se uma caracterização indireta da personalidade do monstro — construída a partir das suas reações às diferentes emoções — e da menina, cuja atitude calma, paciente e pedagógica se revela através das suas ações e intervenções, sem recurso a descrições explícitas. Acrescente-se ainda que as emoções podem ser entendidas como personagens figurativas, na medida em que cada uma — alegria, tristeza, raiva, medo e calma — é personificada por meio de uma cor específica, de uma expressão visual e de um comportamento próprios. Funcionam como figuras simbólicas que interagem com o monstro e são actantes no sentido semiótico: influenciam o percurso do sujeito e representam obstáculos ou conquistas.

Esquema canónico: Relativamente à estrutura narrativa, a obra segue o esquema canónico, uma vez que a situação inicial de *desequilíbrio*, marcada pela confusão emocional do monstro, evolui progressivamente para um estado final de *equilíbrio*. Este é alcançado quando o monstro aprende a identificar, distinguir e organizar as suas emoções, passando a reconhecê-las individualmente. A aquisição dessa competência emocional conduz a um estado de tranquilidade e harmonia interior, restabelecendo o equilíbrio narrativo e confirmando a conformidade da narrativa com o modelo estrutural canónico.

Análise temático-simbólica

Esta obra, de Anna Llenas, revela uma forte densidade simbólica, privilegiando uma articulação de elementos visuais e verbais.

As cores e o álbum narrativo desempenham um papel central na construção do sentido da narrativa, tanto que este é capaz de acrescentar uma personagem à narrativa: a menina. Cada emoção é associada a uma cor específica (Llenas, 2017, pp. 14-33), o que facilita a identificação e nomeação das emoções, promovendo a consciência afetiva nas crianças. As texturas visuais conferem à obra uma expressividade singular que contribuem para a leitura sensorial e emocional do texto e expandem o discurso verbal, oferecendo pistas emocionais, reforçando significados e criando atmosferas. Muitas vezes, as crianças recorrem mais à imagem do que ao texto escrito.

A estrutura simples e linear da narrativa: confusão → organização → equilíbrio reflete o processo de aprendizagem emocional, em que o sujeito (monstro) passa de um estado de desorganização afetiva para um estado de consciência e equilíbrio. A linearidade sugere que este processo é contínuo, tal como acontece na vida emocional real. A narrativa funciona, assim, como uma metáfora do desenvolvimento emocional infantil.

APLICAÇÃO DA DIMENSÃO PEDAGÓGICA

No âmbito da aplicação da dimensão pedagógica, realizou-se uma intervenção no Jardim de Infância do Castanheiro do Ouro, em Tarouca, no dia 10 de outubro de 2025, que consistiu na dinamização de uma atividade de leitura, seguida de uma atividade de desenho, com uma das turmas, constituída por 16 alunos. A narrativa selecionada foi *O monstro das cores*, pois aborda as emoções de forma simples, adequando-se a esta faixa etária.

Iniciou-se a atividade com a formulação de algumas questões simples, dirigidas às crianças, com o intuito de perceber se estas já conheciam a narrativa, pergunta à qual se obteve uma resposta afirmativa. Antes da leitura, informou-se também a turma de que, posteriormente, lhe seria solicitado um pequeno trabalho, com o objetivo de as crianças se manterem atentas durante a leitura da obra.

Depois da leitura, foi proposta à turma a criação de um desenho relacionado com a narrativa. O objetivo desta atividade foi dar oportunidade às crianças de mostrarem a parte mais marcante da história e as suas interpretações sobre a temática abordada. Durante a realização dos desenhos, estas demonstraram um grande interesse e envolvimento. A possibilidade de representarem as suas emoções com as respetivas cores,

atribuídas pela narrativa, suscitou entusiasmo. Notou-se ainda que, muitas delas, para a elaboração do seu desenho, relacionaram episódios já vividos com as emoções abordadas na obra, ou desenharam a partir dos sentimentos experienciados no momento da realização da atividade. Durante a atividade, muitas das crianças transmitiram, de forma oral, a explicação e justificação sobre os esboços efetuados.

No final, fizeram-se registos fotográficos, tornados alvo de análise, com o objetivo de divulgar os resultados obtidos e apoiar a análise da atividade desenvolvida. Esta experiência proporcionou uma observação e reflexão pormenorizadas sobre o modo como as crianças compreendem e expressam as suas emoções de forma oral e visual.

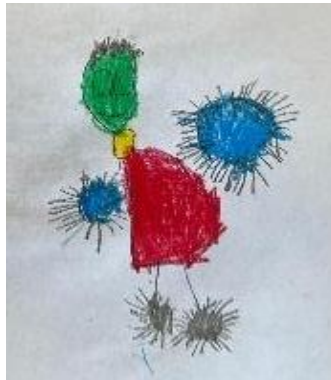
Seguem-se três exemplos de desenhos realizados pela turma.

Figura 3 – L. 4 anos



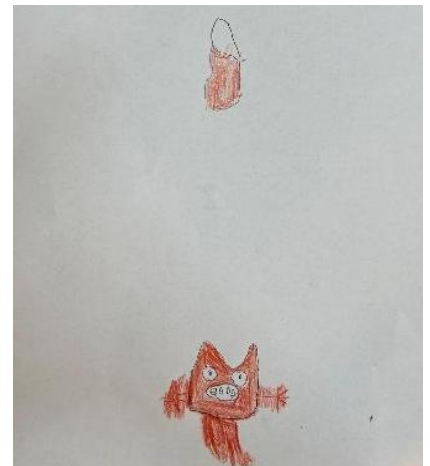
Nota: Comentário da criança:
“Pintei o vermelho porque o meu pai
está sempre com raiva”.

Figura 4 – D. 5 anos



Nota: Comentário da criança:
“Desenhei a raiva porque o meu
irmão me chateou de manhã”.

Figura 5 – L. 5 anos



Análise de Resultados

A análise dos desenhos realizados, após a audição da leitura da obra *O monstro das cores*, permite compreender de que forma as crianças interiorizaram a narrativa e a sua simbologia cromática associada às emoções. Através da observação das produções gráficas, é possível identificar representações simbólicas, escolhas cromáticas, composição espacial e elementos narrativos que traduzem as percepções e vivências emocionais das crianças.

Observando a **figura 3**, é possível perceber que a criança de 4 anos foi capaz de representar o sincretismo actancial centrado numa única personagem, a personagem do monstro, demonstrando habilidade de síntese e compreensão global da narrativa, o que é significativo para a faixa etária. A utilização das cores pode indicar uma tentativa de representar diferentes emoções, sugerindo uma compreensão simbólica da relação entre cor e sentimento. Os círculos com linhas radiantes podem representar braços, pernas ou até mesmo estados emocionais em expansão, como a tristeza. Isso mostra como a criança atribui dinamismo à figura, indo além da representação estática.

Os comentários das crianças sobre os seus próprios desenhos (**figuras 4 e 5**) evidenciam uma forte ligação entre a produção gráfica e as suas vivências emocionais, revelando que o desenho funciona como meio expressivo e simbólico para comunicar experiências pessoais. Ao associarem o vermelho à raiva e relacionarem-na com figuras familiares (o pai e o irmão), demonstram não só consciência emocional, mas também capacidade de atribuir sentido às suas emoções através da linguagem visual.

Importa ainda sublinhar que todas as crianças (**total: 16**) representaram a figura do Sujeito/herói, evidenciando a percepção da *categoria personagem* e o reconhecimento da sua função principal e central no decurso da ação.

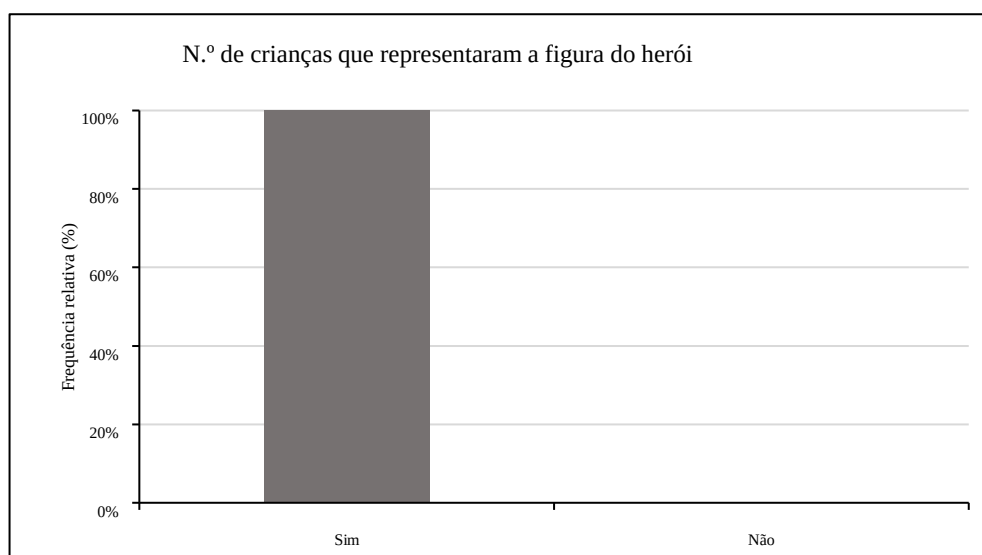


Figura 6– Gráfico de barras sobre o sucesso obtido na representação da figura do herói

Dimensão semiótica: leitura das imagens

Após uma análise dos elementos significantes dos desenhos (as cores, formas, personagens, disposição no espaço), mencionam-se os seguintes aspectos:

- **Cor:** As cores são o elemento mais recorrente e simbólico nesta narrativa, dado que cada emoção é associada a uma cor. A maioria das crianças utilizou cores intensas e bem demarcadas, como o vermelho, o amarelo e o verde, que correspondem às emoções de raiva, alegria e calma. Tal evidência demonstra que a correspondência cromática proposta pela narrativa foi compreendida e incorporada na representação visual.
- **Figuras humanas ou monstros:** Algumas crianças optaram por representar o próprio monstro das cores, com diferentes combinações cromáticas, enquanto outras retrataram personagens humanas ou familiares, o que pode indicar a transposição da emoção para o seu universo pessoal.
- **Composição e organização espacial:** Verifica-se que os desenhos mais elaborados, geralmente produzidos por crianças com idades entre os 5 e 6 anos, apresentam maior domínio do espaço gráfico e maior atenção ao detalhe. Os desenhos das crianças de 3 e 4 anos mostram traços mais livres, expressando a emoção através do gesto e da cor, mais do que da forma figurativa.
- **Presença de elementos do cotidiano:** Em alguns desenhos, surgem objetos ou paisagens (como casas, sol, relva), sugerindo a integração da experiência narrativa com o repertório pessoal e emocional das crianças.

Dimensão emocional e interpretativa

Observa-se que muitas crianças associaram as emoções da história a vivências próprias, o que evidencia a função mediadora da literatura para a infância na construção da consciência emocional. As produções das crianças mais novas (3-4 anos) revelam uma predominância da cor sobre a forma, o que indica que a emoção é expressa mais pela intensidade do gesto do que pela representação figurativa. As crianças de 5-6 anos demonstram maior intenção narrativa, representando cenas da história ou personagens específicas, o que revela uma apropriação mais simbólica e organizada da mensagem.

Dimensão pedagógica e conclusiva

A atividade permitiu observar o potencial da literatura para a infância como mediadora de emoções, estimulando a expressão plástica e verbal das crianças. O desenho revelou-se um instrumento eficaz de leitura emocional e de compreensão simbólica, promovendo o desenvolvimento da linguagem estética e emocional. Esta análise evidencia que a integração entre leitura e expressão artística potencia aprendizagens significativas, permitindo às crianças comunicar sentimentos e percepções que muitas vezes ultrapassam o discurso verbal.

CONCLUSÃO

A análise das obras *A Menina do Mar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, e *O monstro das cores*, de Anna Llenas, evidencia a riqueza simbólica e pedagógica da literatura para a infância. Ambas as narrativas, embora distintas na forma e no universo simbólico, partilham uma estrutura transformadora centrada na descoberta do outro (em *A Menina do Mar*) e de si mesmo (em *O monstro das cores*), constituindo-se como instrumentos privilegiados de aprendizagem e crescimento.

No conto *A Menina do Mar*, a amizade constitui o ponto de encontro entre dois mundos distintos - o terrestre e o marítimo, o racional e o imaginário - simbolizando a superação da diferença e o desejo de compreender a alteridade. A relação entre o rapaz e a menina traduz a importância do reconhecimento da diferença como forma de enriquecimento pessoal tornando possível, através da amizade, as personagens aprenderem a compreender e a respeitar o outro. Esta obra é reveladora da literatura como espaço de diálogo entre o humano e o natural, entre o visível e o simbólico, promovendo a valorização da sensibilidade e do conhecimento emocional.

Na narrativa *O monstro das cores*, a amizade assume uma dimensão introspectiva pois a menina atua como mediadora guiando o monstro na sua autodescoberta, ajudando-o a reconhecer e organizar as suas emoções. A narrativa transforma o processo de educação emocional num percurso simbólico de equilíbrio e consciência afetiva, comprovando a importância da literacia emocional na infância. A simplicidade da obra age como um poderoso instrumento pedagógico, visto que favorece a expressão de sentimentos e o desenvolvimento da inteligência emocional.

Do ponto de vista educativo, ambas as obras evidenciam o papel da literatura para a infância como proporcionadora de aprendizagens. A leitura, aliada à exploração simbólica e à expressão artística, torna possível à criança interpretar o mundo e a si mesma. A literatura torna-se um espaço de descoberta, onde o imaginário favorece a empatia e a compreensão do outro. A intervenção pedagógica realizada comprovou que, ao interagir com o texto literário, as crianças ampliam a sua consciência emocional e interpretativa, aplicando as aprendizagens literárias às suas vivências quotidianas.

Posto isto, conclui-se que o conto *A Menina do Mar* e a narrativa *O monstro das cores*, apesar de serem distintos na forma e no tempo, favorecem o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança, estimulando a sensibilidade, a reflexão, o reconhecimento da diferença e a consciência de si e do outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andresen, S. M. B. (2012). *A menina do mar*. Porto Editora.

Andresen, S. M. B. (s. d.). *Biografia*. Portal da Literatura. Consultado a 25 de outubro de 2025, em <https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=296>

Ceia, C. (2010). *Modelo actancial*. Enciclopédia de Termos Literários. Universidade Nova de Lisboa. <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/modelo-actancial>

Courtès, J. (1979). *Introduction à la sémiotique narrative et discursive*. Hachette.

Greimas, A. J. (1966). *Sémantique structurale: Recherche sur le sens*. Larousse.

Llenas, A. (2017). *O monstro das cores*. Nuvem de Letras.

Lopes, C. M. (2008). *Semiótica e narrativa: Contributos para a análise do texto literário* (Tese de doutoramento, Universidade de Coimbra). Universidade de Coimbra.

Ministério da Educação e Ciência. (2012). *Metas curriculares de Português: Ensino básico*. Direção-Geral da Educação.

Nikolajeva, M. (2002). The verbal and the visual: The picturebook as a medium. In R. V. Mackey (Ed.), *Children's literature as communication: The ChiLPA project* (pp. 91–114). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/sin.2.08nik>

Soares, M. L. C. (2013). *Considerações gerais sobre a literatura tradicional de transmissão oral: Uma proposta de análise à versão portuguesa de “A Gata Borralheira”*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Todorov, T. (2017). *Introdução à literatura fantástica* (M. C. C. Castello, Trad.; 4.^a ed., 3.^a reimp.). Perspectiva.